



DIARIO DE PERNAMBUCO

RECIFE, DOMINGO, 13 DE FEVEREIRO DE 2000 - Nº 044 - O JORNAL MAIS ANTIGO EM CIRCULAÇÃO NA AMÉRICA LATINA - FUNDADOR DOS ASSOCIADOS: ASSIS CHATEAUBRIAND

Alicione Ferreira



Tesouro arqueológico

A descoberta de um micvê - piscina para rituais de purificação - no subsolo da primeira sinagoga das Américas, no Recife Antigo, transforma Pernambuco em referência mundial para o judaísmo. C8

Fotos: Alcione Ferreira

Micvê revela poderio judeu



Povo vindo da Europa encontrou aqui boa atmosfera para suas crenças, segundo estudiosos

Micvê foi encontrado durante as escavações feitas no interior da sinagoga do Recife, por mais de 20 pessoas, nos últimos quatro meses

Jailson da Paz
DA EQUIPE DO DIÁRIO

Em meio ao casario da rua do Bom Jesus, o Bairro do Recife guarda um dos mais importantes tesouros arqueológicos da cidade. Pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) encontram no subsolo das casas de números 197 e 203, onde funcionou a primeira sinagoga das Américas, um micvê. A palavra parece estranha, mas o significado em hebraico - piscina para rituais de purificação - mostra a profundidade religiosa dos judeus que aqui moravam no século XVII. A maioria deles veio com os holandeses entre 1630 e 1654.

O micvê, afirmam categoricamente os rabinos, é o aspecto mais importante da sinagoga e para construí-lo se aconselha vender até a Torá (bíblia judaica). "É através dele que homens e mulheres se purificam diante de Deus. E ninguém chega a Ele se não estiver puro", argumentou o rabino David Weitman, especialista brasileiro na área. O poço, que compunha com a piscina o conjunto para o ritual religioso, foi encontrado pelos arqueólogos praticamente intacto. O poço despejava água através de uma canaleta.

Nos cerca de 648 litros de água pura acumulados nos 1,50 metros de profundidade da piscina, as mulheres casadas tomavam o banho de imersão depois do ciclo menstrual antes de manterem relações sexuais com os maridos. "Os homens não eram obrigados a fazer isso mensalmente, mas deviam fazer ao menos uma vez por ano", revelou o rabino argentino, Yossef Feigelstock. Ele defende que o local seja mantido como na descoberta. A destruição da piscina, disse o coordenador das escava-

ções, Marcos Albuquerque, deve-se aos padres que moraram na casa depois que os judeus deixaram o Recife, em 1654, temendo a Inquisição. O micvê, segundo os rabinos, é o mais antigo do continente americano e, como ele, foram descobertas estruturas na Alemanha, Espanha e em Israel.

SIGNIFICADO - A descoberta do micvê ultrapassa os limites da religiosidade. Ela mostra o quanto os judeus tinham liberdade no Pernambuco governado pelo holandês João Maurício de Nassau. E até poder. "Esse povo vindo da Europa tinha uma boa formação intelectual, ocupou cargos importantes e ao chegar aqui encontrou uma atmosfera para suas crenças", analisou a coordenadora do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Judaísmo, Tânia Kaufman. Há indícios de que havia judeus vivendo a fé na clandestinidade antes de Nassau. Uma das provas do poder aquisitivo pode ser a presença de cerâmicas caras nas escavações.

O mergulho no subsolo da sinagoga (Kahal Zur Israel), acredita o presidente da Federação Israelita de Pernambuco, Boris Berenstein, desvenda um pouco do desconhecido mundo dos judeus no Brasil. A construção da sinagoga, disse Kaufman, deve ter começado em 1638 e terminado em 1941. "Pouco se sabe em que esse povo influenciou por aqui", falou, acrescentando ter o interesse em torno do assunto crescido nos últimos anos. Ela aponta que hoje, no Estado, estão sendo feitas pesquisas sobre os resíduos culturais deixados pelos judeus no Sertão nordestino e na consolidação do espaço urbano do Recife. O trabalho é do Departamento de Ciências Sociais e Mestrado em Antropologia da UFPE.



Marcos Albuquerque coordena escavações que resultarão em livro

Muralha pode estar encoberta

Sob o piso da sinagoga, os estudiosos da Universidade Federal de Pernambuco encontraram indícios do que teria sido a muralha que circundava o Recife do século XVII. O muro, medindo aproximadamente 88 centímetros de largura, corta o subsolo dos dois imóveis onde funcionou a Kahal Zur Israel e se estende por baixo dos prédios vizinhos. Existiam referências sobre a muralha em alguns mapas antigos, mas até o mês passado ninguém tinha prova de que realmente foi erguida para defender a cidade dos inimigos.

O coordenador do Laboratório de Arqueologia, Marcos Albuquerque, acredita que o muro de pedras deve continuar até a praça da Arsenal e retrata a lógica medieval da cidade fortificada. Na praça existiu até 1850 um portal de acesso à parte protegida. "Com a destruição desse arco o que restou está embaixo dos pisos das atuais construções", frisou. Vários aterros foram feitos até que a rua do Bom Jesus chegasse ao nível atual. O muro, por exemplo, está a quase 1,60 metro abaixo do piso original do templo.

Outra constatação é que as obras da muralha são anteriores à da sinagoga. "A parte de trás do templo foi erguida sobre o muro", informou. Para identificar a estrutura de defesa da cidade, que apresenta sinais de reboco, Albuquerque recorreu ao Atlas Histórico e Cartográfico do Recife, organizado pelo arquiteto José Luiz da Motta Menezes. O arquiteto é responsável pela revitalização do templo. As escavações da muralha, adianta o professor, devem continuar este ano. O ponto de pesquisa será a praça da Arsenal.

MEMÓRIA

Açúcar atraiu primeiras famílias

A vida dos judeus em Pernambuco pode ser dividida em duas comunidades. A primeira, conta a professora Tânia Kaufman, data do tempo da sinagoga Kahal Zur Israel - Congregação Rochedo de Israel. De maioria sefardita (originários da península ibérica), os que residiram aqui no século XVII eram portugueses de Amsterdã. "Chegaram atraídos pelas vantagens do açúcar", explicou. A quantidade não se sabe ao certo, mas, segundo Kaufman, eram aproximadamente 1.450. Isso representava mais de 10% da população dos domínios holandeses, pois censo da época indica a existência de 12.703 pessoas.

De boa formação intelectual, os judeus pertenceram à elite dominante da Colônia. Tal influência criou a necessidade de contarem com lideranças religiosas no Recife, Maurícia e Paraíba, vindo para cá Isaac Aboab da Fonseca. Ele deixou escritos filosóficos e veio acompanhado por Moses Raphael de Aguillar. Com a vitória dos portugueses e brasileiros sobre os flamengos, em 1654, os judeus tiveram cerca de três meses para deixar a terra. Um grupo fundou Nova Amsterdã, hoje Nova Iorque. "Pesquisas recentes apontam que os que não saíram do país, migraram para o interior", completou.

ALEMANHA - No final do século XIX e primeiras décadas do XX chegaram os judeus originários da Alemanha que se dispersaram pela Europa. Ao contrário da pri-



Tânia Kaufman diz que micvê mostra o quanto os judeus tinham liberdade no Estado de Pernambuco

meira comunidade, explicou Kaufman, tiveram contato com as pessoas de menor poder aquisitivo. Eram vendedores ambulantes de jóias, tecidos e confecções. Bem-sucedidos, concentraram-se na rua da Imperatriz e adjacências. Mas quem migrou de cidades maiores, como Viena e Berlim, possuía profissões especializadas, criando-se assim o mosaico atual da comunidade ju-

daica do Recife, composta por cerca de duas mil pessoas. Os destaques recentes miram para a grande presença de professores, engenheiros e médicos. Serve de exemplo Walter Dimenstein, fundador do primei-

ro banco de sangue do Estado. Salomão Jaroslavsky mexeu com o ensino, abrindo o Curso União, enquanto Ruth Rosebaum deu um novo perfil ao ballet clássico na Veneza brasileira.



Sinagoga: construção em 1638

Escavações já duram 4 meses

A descoberta do micvê é resultado de quase quatro meses de escavações. Desde outubro do ano passado, mais de 20 pessoas se debruçam nos 210 metros quadrados das duas casas que formam a sinagoga mais antiga das Américas. Retiraram até o momento 1,3 mil quilos de rebo- co e 900 toneladas de terra, encontrando-se seis níveis de piso e a margem esquerda do rio Beberibe. Pelos achados, o leito beirava a rua do Bom Jesus, antiga rua dos Judeus.

"O que esclarece as etapas de domínio do homem sobre o rio", comentou o coordenador das escavações, Marcos Albuquerque. Sobre as terras que encobriram as margens do rio, os pesquisadores se depararam com cachimbos holandeses, portugueses e ingleses. As faíscas-pedaços de cerâmica de boa qualidade demonstram como viviam os judeus. "Há pedaços que datam até do século XVI", adiantou. As prospecções terminam este mês, mas os trabalhos se estendem até o fim do ano. A proposta é transformar as descobertas em um livro.

Além da paciência, os pesquisadores firmaram convênio com a Fundação Saffra, que colaborou com R\$ 60 mil. O projeto de recuperação da sinagoga pode ultrapassar R\$ 1 milhão. Quando estiver pronta comportará no pavimento térreo o Centro de Documentação Judaica e no superior a réplica do espaço para orações. Também estão envolvidos no projeto o Ministério da Cultura, a Prefeitura da Cidade do Recife, a Federação Israelita e a Associação para Restauração da Memória Judaica. Visitas podem ser feitas durante os dias úteis das 8h às 12h e das 13h às 17h.